

JERUSALÉM

de Gonçalo M. Tavares

De 23 de Outubro a 2 de Novembro 2008

Dias 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31 de Outubro e 1 de Novembro às 21H00

Dias 26 de Outubro e 2 de Novembro às 16H00

Pequeno Auditório – Sala Eduardo Prado Coelho

Co-produção: CCB/Teatro O Bando

M/16 anos

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Texto **GONÇALO M. TAVARES**

Dramaturgia, encenação e espaço cénico **JOÃO BRITES**

Corporalidade **LUCA APREA**

Oralidade **TERESA LIMA**

Análise literária e dramaturgica **RUI PINA COELHO**

Figurinos e adereços **CLARA BENTO**

Desenho de luz **JOÃO CACHULO**

Interpretação **CRISTIANA CASTRO, HORÁCIO MANUEL,**

JOÃO BARBOSA, NICOLAS BRITES, RAUL ATALAIA,

ROSINDA COSTA e SUZANA BRANCO

Assistência à direcção **SARA DE CASTRO** Relações institucionais **HUGO SOUSA** Gestão e relações internacionais **RAUL ATALAIA** Montagem **FÁTIMA SANTOS** Apoio técnico **GUILHERME NORONHA** e **SÉRGIO MILHANO** Comunicação **MIGUEL JESUS** Formação **SUZANA BRANCO** Tesouraria **CRISTINA SANCHES** Relações com públicos organizados **LIA NOGUEIRA** Acolhimento **MANUELA MENA** Caseiro **ISAAC REIS**

Direcção da cooperativa **JOÃO BRITES, RAUL ATALAIA** e **RUI FRANCISCO**

Cooperantes **ADELAIDE JOÃO, ANA BRANDÃO, ANTÓNIA TERRINHA, BIBI GOMES, CLARA BENTO, FÁTIMA SANTOS, GONÇALO AMORIM, HORÁCIO MANUEL, ISABEL ATALAIA, JOÃO BRITES, JORGE SALGUEIRO, LIMA RAMOS, MIGUEL MOREIRA, NICOLAS BRITES, PAULA SÓ, PEDRO GIL, RAUL ATALAIA, RUI FRANCISCO, SARA DE CASTRO, SUZANA BRANCO**

Agradecimentos **RAQUEL BELCHIOR, RASTTA, ADEGA CARLOS CAMOLAS, CARPAL LTD., PEDRO MIGUEL COELHO**

Criação **TEATRO O BANDO**

Co-produção **FUNDAÇÃO CENTRO CULTURAL DE BELÉM**

JERUSALÉM é a terceira incursão que fazemos pela obra de Gonçalo M. Tavares. Este caminho começou por ser trilhado pelo João Brites em 2005, juntamente com o Grupo de Teatro As Avozinhas, da Associação de Idosos de Palmela. Assim, foi no contexto do Festival Internacional de Artes de Rua que se desenvolveu o espectáculo OS HENRIQUES, a partir d' *O Senhor Henri*.

A esta experiência seguiu-se uma outra na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde o João Brites trabalhou *Um Homem: Klaus Klump* com os seus alunos. Na altura, esse exercício foi acompanhado por Rui Pina Coelho, o qual muito nos auxiliou agora na compreensão e re-trans-des-montagem deste **JERUSALÉM**.

Em relação a esta terceira etapa, foi António Mega Ferreira quem nos abriu as portas da Sala Eduardo Prado Coelho, dando às nossas ideias a medida da realidade e trazendo o mal e a guerra para dentro do Centro Cultural de Belém.

Estar no presente é ter consciência de que vivemos numa cidade ocupada

Actores e espectadores habitam a mesma cidade. A cidade foi ocupada. A noção de presente é o factor que reúne a ficção à realidade concreta.

Não é possível renovar os nossos propósitos artísticos sem focar a criação em diferentes opções dramáticas, em constituir diferentes propósitos de construção dos espectáculos. Sim, as diferenças são relativas porque as nossas características e opções estéticas são obsessivas, mas rodamos em torno da obra para tentar encontrar uma outra perspectiva do olhar que alimente um resultado distinto. Elegemos então a noção de presente como âncora aglutinadora do trabalho dos actores. Uns actores que são artistas, uns artistas que se servem das matérias produzidas na orientação da direcção artística para exercitarem no acto teatral as suas próprias convicções.

Como se vê, sinto alguma necessidade de partilhar com os espectadores um pouco da cozinha interna que sustenta a construção das criações cénicas. Quantas vezes a arte que mais exige que se cumpra no presente se confina a um acto evocativo que se repercute na ausência de um acto actualizado. Por isso, tenho procurado realizar os espectáculos em espaços mais ou menos inesperados que, ao se confrontarem com os gritos das gaivotas, ou com o vento, ou com os cheiros, ou com a altura da lua real no céu estrelado, nos fazem viver momentos irrepetíveis.

Todos os que fazem teatro sabem que o mais complexo e difícil é saber repetir o acto de dizer e de fazer como se fosse a primeira vez que isso acontecesse. Se os grandes protagonistas da linguagem teatral são os actores, como estar em sintonia com o tempo dos espectadores sem abdicar da mais relevante característica do artista, ou seja, a sua capacidade de abstracção e de representação simbólica? Como, actuando no presente, com a qualidade desse acto irrepetível, não entrar num registo de representação de telenovela, na busca de uma naturalidade e de um realismo quotidiano?

Não temos respostas, tentamos continuar a fugir de um teatro que parece estar mas não está lá. Queremos um teatro que contribua para acordar as consciências, que provoque reacções e que essas reacções possam ter efeitos na cidade e nos habitantes da cidade. Uma cidade que foi usurpada e sorrateiramente ocupada por uma antiética que nem resíduos de culpa deixa.

João Brites, Palmela, 14 de Setembro de 2008

“Sem o mal, não haveria acontecimentos.”

Susan Neiman, *O Mal no Pensamento Moderno: Uma História Alternativa da Filosofia*.
Tradução: Vítor Matos. Lisboa, Gradiva, 2005, p. 311.

A história do horror é a substância determinante da história.

Gonçalo M. Tavares, *Jerusalém*. Lisboa, Caminho, 2005, p. 53.

Era uma vez um doente cuja doença era só dele. Foi ao hospital e ninguém conhecia aquela doença. Depois chegou outro, com a sua doença vermelha na testa. Nenhum médico tinha visto nada assim. Veio ainda um terceiro, com o seu sangue a sangrar – do corpo da sua amada. Inédito. Um quarto trazia nas mãos um pequeno animal assustado: era o seu espírito. Etc. Se repararmos melhor, se reparássemos melhor, veríamos que afinal não se tratava de um hospital – mas da literatura.

Pedro Eiras, *A Moral do Vento: Ensaios sobre o Corpo em Gonçalo M. Tavares*. Lisboa, Caminho, 2006, p. 181.

No início o verbo era o do Gonçalo M. Tavares. Um verbo áspero, rude e arritmico: um verbo que diz literatura. E nesta constatação está desde logo a maior injustiça que podemos fazer a um autor como M. Tavares: entendê-lo como um escritor de literatura, fazer dele um escritor para escritores. Embora o possamos incluir na exclusiva lista de autores que dialogam com as obras-primas da literatura universal (e que seguramente é um dos autores que mais vibrantemente representa as modernas letras portuguesas), M. Tavares é um autor que se dirige aos seus leitores de aqui-e-agora e que pensa o mundo contemporâneo à medida que o reescreve.

É certo que parte significativa da sua (já extensa) obra lida com os limites e a especificidade da linguagem e da literatura, mas isso não o encerra nesse campo específico. As suas investigações, e em muito especial os “Livros Negros”, que constituem a tetralogia “O Reino”, são obras maiores que invectivam o nosso tempo. A pretexto de uma investigação em curso sobre o Mal e o Horror, M. Tavares destila os males que são nossos contemporâneos e que fazem parte dos nossos jornais televisivos diários: a guerra, o desemprego, a loucura, a violência, o desencanto (ou melhor, a interrupção do canto, como o próprio autor afirma).

Os quatro romances que constituem “O Reino” (*Um Homem: Klaus Klump*, *A Máquina de Joseph Walser*, *Jerusalém* e *Aprender a rezar na Era da Técnica*) evocam, elipticamente, a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto e Auschwitz. Mas neles podemos encontrar os assustadores traços que definem outras guerras em outras latitudes e em outros tempos. Uma cidade é invadida por um exército inimigo e todos reagem (têm que reagir) a este acontecimento. Assim, no mundo às avessas que M. Tavares cria, sublinha-se a estranheza dos comportamentos dos humanos quando apanhados em situações extremas.

No início o verbo era o do Gonçalo M. Tavares. No final, é impossível livrarmo-nos da incómoda sensação de que a cidade ocupada é a nossa própria Cidade e que esta guerra já começou. E agora?

Rui Pina Coelho

TRABALHAR COM A IRREPETIBILIDADE

Da perspectiva da *irrepetibilidade*, a escrita cénica apresenta-se como uma sucessão de transformações. Neste sentido, trabalhar com a *irrepetibilidade* implica um gesto do olhar – passar do “querer ver” ao “constatar”. Um gesto interior que, para o actor, pode corresponder a algo como passar do plano da invenção e da expressão ao plano da adaptabilidade.

Neste espectáculo, no que diz respeito à corporalidade, os ensaios desenvolvem-se a partir da relação dos actores com o espaço cénico. Os actores ensaiam o espaço, os lugares de acção antes dos “porquês”. Da disposição de cada um em cena e dos corpos entre si emergem “contextos” que cada actor lê conforme as suas necessidades e orientações da acção – uma mesma posição no espaço pode evocar para cada actor “lugares” diferentes do texto e do espectáculo.

Neste processo, a acção emerge da adaptação ao contexto, e não o contrário. Assim, o actor faz a experiência duma inversão – a corporalidade não apenas como meio de expressão, mas como lugar de impressão das potencialidades de acção que o contexto proporciona. Isto visa essencialmente dois propósitos: por um lado, enriquecer a compreensão corporal das situações de relação e activar uma espécie de *update perceptivo* que actualiza a relação com a acção inclusive no interior de uma partitura que se repete; por outro lado, procurar na relação perceptiva com o espaço, um ponto de apoio externo ao nosso pensar para interrogar os impensáveis do texto e da personagem.

No âmbito desta abordagem, a eficácia da acção não é medida apenas pelos fins da sua sustentação interna mas também pela sua *actualidade*. Isto é, pela capacidade da acção de integrar no seu devir o potencial de transformação do contexto no qual está inserida.

Em cena, as personagens repetem insistentemente as suas acções. Repetem para se lembrar, repetem para se preparar, repetem para corrigir (vanidade suprema). A repetição no espectáculo **JERUSALÉM** diz respeito à negação do corpo em ficar no sítio, quieto, parado.

Luca Aprea, nota de ensaio, 18 de Setembro de 2008

Para uma abordagem ecológica do performer

BIOGRAFIAS

GONÇALO M. TAVARES

Nasceu em 1970. Há seis anos publicou a sua primeira obra. Recebeu o mais importante prmio do Brasil, Portugal Telecom 2007, o Prmio José Saramago 2005 e o Prmio LER/Millennium BCP 2004 com o romance *Jerusalém* (Caminho); o Prmio Branquinho da Fonseca da Fundação Calouste Gulbenkian e do jornal *Expresso* com o livro *O Senhor Valéry* (Caminho); o Prmio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores com *Investigações. Novalis* (Difel); e o Grande Prmio de Conto Camilo Castelo Branco, da Associação Portuguesa de Escritores, com *gua, co, cavalo, cabeça* (Caminho).

Os seus livros deram origem a peças de teatro, objectos de artes plásticas, vídeos de arte, pera, bem como a teses acadmicas em Portugal, Brasil e Itália. Vinte e um dos seus livros estão a ser traduzidos e editados em cerca de vinte países. O seu último livro foi o romance *Aprender a rezar na Era da Técnica* (Caminho).

JOÃO BRITES

Nasce em 1947 em Torres Novas. Artista plástico, cenógrafo, encenador e dramaturgista,  fundador e director do Teatro **o bando**. Lecciona na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Em Bruxelas frequenta os cursos de Pintura e de Gravura na ENSAAV – La Cambre. No âmbito das artes plásticas realizou exposições individuais e participou em colectivas, encontrando-se a sua obra representada em galerias e museus, portugueses e estrangeiros. A partir de 1971 trabalha como cenógrafo e encenador.

Em 1974 volta para Portugal, onde funda o Teatro **o bando**, do qual é director. É autor de inúmeros artigos sobre teatro e o processo de criação **no bando** e de algumas comunicações feitas em congressos da especialidade. Orienta estágios e cursos de formação no domínio do teatro. Encenou espectáculos e eventos no âmbito da Europlia e da Lisboa94, e dirigiu a Unidade de Espectáculos da EXPO’ 98. Em 1999 recebe o grau de Comendador da Ordem do Mérito.

LUCA APREA

Forma-se como actor e mimo em Nápoles e em Paris onde estuda na cole de Mime Corporel Dramatique dirigida por Steve Wason e Corinne Soum. Estuda com Dario Fo, Odin Teatret, Yves Lebreton, Philippe Gaulier. Entre 1993 e 1997 lecciona na Real Escuela Superior de Teatro e Danza de Madrid e trabalha como actor com a companhia francesa Thatre du Mouvement, no projecto *Cities*, no âmbito da Academy of Gestural Arts - Les Transversales. Paralelamente, desenvolve estudos sobre a corporalidade no campo das artes performativas e da pedagogia. Desde 1998, é professor de Movimento na Escola Superior de Teatro e Cinema. Licenciado pela Universit Paris 8 em Artes do Espectáculo, mestre em Psicopedagogia Perceptiva, é actualmente doutorando na Universidade de Motricidade Humana de Lisboa. Director Artístico da Companhia Teatral Invenciones Cosmmicas de Madrid integra, desde 2003, a Direcção Artística do Teatro **o bando**.

TERESA LIMA

 licenciada em Filologia Romnica. Fez o curso de Arte de Dizer do Conservatório de Lisboa e o curso de Formação de Actores da Comuna Teatro de Pesquisa. Como bolseira do Conselho da Europa frequentou cursos de voz em França, Bélgica e Suíça. Trabalhou como actriz com a Comuna, com o Novo Grupo e com o Teatro **o bando**. Como professora ou directora de actores trabalhou com vários encenadores, entre os quais, Fernanda Lapa, Joana Providência, João Ricardo, Jorge Fraga, José Caldas, Miguel Moreira, Ricardo Pais e Rogério de Carvalho. Entre outras iniciativas, actualmente  professora de Voz na ACT – Escola de Actores. Faz parte da

Direcção Artística do **bando**, sendo responsável pela oralidade nos espectáculos desta companhia.

RUI PINA COELHO

Nasce em Évora em 1975. É docente na Escola Superior de Teatro e Cinema desde o ano lectivo de 2006 e 2007, e investigador no Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa, onde colabora no projecto CETbase, e do Centro de Investigação em Teatro e Cinema da ESTC. Colabora com o jornal *Público* desde Julho 2006, na qualidade de crítico de teatro, e é membro do Conselho Redactorial da revista *Sinais de Cena*. É Mestre em Estudos de Teatro com a tese intitulada *Casa da Comédia – Um palco para uma ideia de teatro*. É membro fundador da Trimagisto – Cooperativa de Experimentação Teatral, em Évora.

CLARA BENTO

É natural do Porto e formada pelo Curso Geral de Escultura da Escola de Belas-Artes do Porto. Como figurinista, cenógrafa e aderecista trabalhou para vários grupos de teatro. Desde 2001, faz parte da direcção artística do Teatro **o bando**, criando e executando figurinos, adereços e outros objectos de cena.

SARA DE CASTRO

Tem 32 anos e nasceu em Lisboa. É actriz profissional desde 1998. Formada pela Escola Superior de Teatro e Cinema, tem trabalhado principalmente em teatro com diversos criadores e encenadores. Tem experiência também em cinema e televisão. Faz parte do corpo permanente de actores do Teatro **o bando**, tendo participado em vários espectáculos desta companhia: *Alma Grande*, *Gente Feliz com Lágrimas*, *Ensaio sobre a Cegueira*, entre outros. Neste momento, para além de actriz, acumula também a função de assistente de direcção no **bando**.

JOÃO CACHULO

Nasceu em Lisboa, a 22 de Julho de 1984. Iniciou a sua actividade profissional aos 17 anos como assistente de cenografia e operador de luzes nos Artistas Unidos, com quem tem vindo a colaborar ocasionalmente. Já trabalhou no Maria Matos Teatro Municipal, nas companhias Escola de Mulheres e Classikus, no espectáculo *Morangos com Açúcar – A Peça*, e na Karnart (como desenhador e operador de luzes). Tendo colaborado várias vezes com o Teatro **o bando** desde 2002, na montagem e operação de luzes, é, desde 2007, o responsável pelo desenho e operação de luzes deste grupo.

CRISTIANA CASTRO

Nasceu em 1983. Em 1998 entra na Academia Contemporânea do Espectáculo para o curso de Interpretação. Termina o curso com *Aurélia Steiner* de Marguerite Duras, com encenação de Júlia Correia. Em 2003 participa como actriz no espectáculo *Eu, Maldoror*, a partir dos *Cantos de Maldoror*, de Lautrèamont, com encenação de Pedro Fiúza. Em 2004 entra na Escola Superior de Teatro e Cinema, para o curso de formação de actores, onde tem oportunidade de ter como professores Francisco Salgado, Álvaro Correia, Joana Craveiro, João Brites, Rogério de Carvalho, Sara Belo, Jean Paul Buchieri, Luca Aprea, entre outros. Termina o curso com *O Fim* de António Patrício, com encenação de Maria João Vicente. Em 2008 interpreta e dirige com Vanda Cerejo o espectáculo *Pobre Gente* a partir do texto *Gente Pobre* de Dostoievski.

HORÁCIO MANUEL

Faz os seus estudos na Escola de Interpretação Dolmetscher Institut Munich e segue outros cursos de formação no Teatro Old Vic e com Augusto Boal. Integra o Teatro **O Bando** desde 1975, grupo com o qual trabalha grande parte da carreira. Entre outras companhias, trabalhou

no Teatro da Cornucópia, no Teatro Nacional S. João, no Porto, no Teatro Nacional Dona Maria II, em Lisboa, e na CIA de Artes, no Brasil. Tanto em Portugal como no estrangeiro, representou e dirigiu numerosos seminários sobre técnica teatral e encenou vários espectáculos. Dirigiu também espectáculos de rua, dos quais se salienta *Os Peregrimóveis*, na EXPO' 98. É autor de várias peças já representadas. Além de ter participado em vários episódios televisivos, em cinema trabalhou com Paulo Rocha, Margarida Gil e Luís Filipe Rocha. É encenador residente do grupo de teatro A.T.A. e do Teatro de Objectos.

JOÃO BARBOSA

Em 1999 iniciou a sua formação num curso de expressão dramática no espaço IFICT, com Paula Freitas. Posteriormente, fez um *workshop* de técnica da máscara com André Gago e frequentou o curso de Formação de Actores na ACT – Escola de Actores. Participou em peças como a *Ópera do Malandro*, *Auto da Barca do Inferno* e *Auto da Índia* e *Moby Dick*. Em 2005 participou no FIAR – Festival Internacional de Artes de Rua, num espectáculo do Teatro **o bando**, *Pino do Verão*. Em cinema, participou no filme *Alice*, de Marco Martins, e em televisão participou no telefilme *Até Amanhã Camaradas*, de Joaquim Leitão.

NICOLAS BRITES

Nasceu em Bruxelas em 1972. Filho de pai pintor e de mãe actriz, refugiados políticos na Bélgica, acabou contagiado pelas artes em geral. Andou em Artes Visuais e concluiu o curso de Cinema do Instituto Franco Português. Durante quatro anos frequentou as oficinas de teatro de Cândido Ferreira e desde cedo colaborou com o Teatro **o bando**. Em Macau trabalhou na televisão local, tendo depois viajado pelo Oriente. Quando voltou, o teatro nunca mais parou. Trabalhou com os criadores João Brites, Cândido Ferreira, Raul Atalaia, Gonçalo Amorim, Madalena Victorino, Judite Gameiro e Eva Wodjack. No cinema foi dirigido por Ivo M. Ferreira e Raquel Freire. Actualmente divide os seus dias dando aulas de teatro, encenando grupos amadores, dirigindo a Associação Cultural Ofecena e desenvolvendo um trabalho social e teatral na zona oriental de Lisboa.

RAUL ATALAIA

Nasceu em Tomar em 1952. Frequentou diversas formações em Lisboa, Paris e Bruxelas, nas áreas do movimento, música, máscara e circo, entre outras. Trabalha no Teatro **o bando** desde 1975, tornando-se membro da cooperativa no ano seguinte. Desde 1975, lidera diversas formações de teatro em escolas dos ensinos básico e secundário, para estudantes e professores. É responsável pela gestão dos projectos internacionais do **bando**, sendo também actor em diversos espectáculos da companhia.

ROSINDA COSTA

Nasceu em 1985. Concluiu o Curso Básico de Piano e acabou o Curso Profissional de Teatro de Cascais em 2003 com nota máxima. Recebeu o prémio de Interpretação Zita Duarte. Estreou-se profissionalmente com *A Noite dos Assassinos*, sob a direcção de Manuel Coelho e fez assistência de direcção em *Homem-Legenda*, co-criação de Pedro Gil e Diogo Mesquita. Foi co-autora e intérprete de *O Devaneador*, o qual estreou na Sala Jardim de Inverno no Teatro Municipal São Luiz e participou em *Teatro Electroacústico*. Leccionou Expressão Dramática na Escola EB1 Raul Lino em Alcântara. É licenciada em Teatro, opção Actores, pela Escola Superior de Teatro e Cinema, e de momento integra a equipa do Teatro do Vestido.

SUZANA BRANCO

É natural de Elvas. Terminou a licenciatura do Curso de Formação de Actores da Escola Superior de Teatro e Cinema. Desde então tem realizado diversos trabalhos na área do teatro, cinema e formação, tendo trabalhado com vários grupos e encenadores. Juntamente com

Mafalda Saloio dirige o grupo de teatro Lugar Vagon, o qual já apresentou *Lugar Vagon* e *Vou Vai Indo*, tendo ambas as peças sido premiadas pelo Clube Português de Artes e Ideias. Em cinema participou em *Rasganço*, de Raquel Freire, e trabalhou com José Nascimento em *Rádio Relâmpago*. Em 2004 realizou um filme sobre a Cova do Vapor. Desde 2002, lecciona diversas actividades de teatro para a infância. Como cooperante do Teatro **o bando** tem participado em diversos intercâmbios de aprendizagem com encenadores estrangeiros e é actualmente responsável pela área de Formação.

TEATRO O BANDO

Nascemos como grupo a 15 de Outubro de 1974. Querendo honrar o ambicioso nome que então escolhemos, vimos trabalhando, há mais de 30 anos, para não deixar de ser **um colectivo de coisas que voam sem perder de vista a terra**, que nos é sustento e razão de voar. Acreditamos no **valor dos meios** para dar sentido e dignidade a um projecto e aos seus resultados. Por isso, exigimos de nós, no esforço do dia-a-dia partilhado, o respeito pela liberdade de todos, pois só ele pode garantir a preservação das diferenças e a sua elevação a um estatuto superior: o da riqueza comum que em cada um e no colectivo se recria e acrescenta.

Por matéria-prima temos só a realidade. Por ferramentas a utopia e a arte, unidas no poder de tudo mudar. A **transfiguração estética** é o modo que elegemos para a participação cívica e comunitária. Com ela procuramos fazer e refazer memória, lançar desafios, questionar e esbater fronteiras, alimentar a reflexão sobre o mundo que temos e o que queremos ter.

Recusamos o diletantismo estéril. A **pesquisa** e a **experimentação**, de que nunca abdicámos, ao serviço dessa reflexão as queremos. Do seu sentido, a cada momento, não conhecemos melhor avaliação do que a inteligência do público que nos espelha e transforma.

Rural ou urbano, adulto ou infantil, erudito ou popular, nacional ou universal, dramático ou narrativo ou poético – tais as **fronteiras que nos habituámos a transgredir** na nossa criação, pois também a realidade não se compadece com a rigidez de uma esquadria conceptual passivamente aceite.

A **itinerância** em que sempre investimos continua a pôr à prova os mesmos espectáculos tanto no interior, como no litoral, nas cidades como nas aldeias. Percorremos o país representando em centenas de localidades e a relação com os **públicos mais jovens** não exclui a provocação intelectual que aos mais velhos igualmente é consagrada.

Os textos que encenamos, na sua maioria de **autores portugueses**, são muitas vezes obras não dramáticas, às quais a forma teatral, nas múltiplas linguagens que integra, confere uma nova **comunicabilidade**, independentemente do carácter “erudito” que lhes possa estar na origem. Os espectáculos baseiam-se em **textos de desassossego, de sedução, e de provocação**; alguns deles são encomendados, outros, não sendo textos de teatro, são pretextos escultóricos, musicais, de actualidade política, capazes de estimular a criação teatral que queremos sempre incómoda, sempre estranhamente reconfortante quando se grava enigmaticamente na memória.

Continuamos a ser quem sempre fomos. Ao mudarmo-nos para **Vale dos Barris, em Palmela**, não fugimos para o campo, afastámo-nos da cidade para ver melhor o formigueiro dos homens que percorre as suas ruas. Pouco convencional, a casa que hoje habitamos põe à nossa disposição, dentro de portas como a céu aberto, um número ainda insuspeito de **palcos potenciais** feitos de estrelas, de velhas pocilgas, de oliveiras e penedos... como sempre aconteceu.

Esperamos por vós em Vale dos Barris. Com tudo o que temos – e, sempre, com uma sopa, pão e queijo, um moscatel, **uma conversa ao pé do lume**.